



A construção de um objecto do conhecimento histórico. Do arquivo ao texto – a investigação em história das instituições educativas

The construction of an object of historical knowledge.
From archive to text – investigation into the history
of educational institutions

Justino Magalhães
justinomagalhaes@fpce.ul.pt

Resumo: Tomados na sua especificidade, os fenômenos educativos referem-se a uma acção que se insere num contexto e evolui num determinado sentido, compreendendo uma materialidade, uma materialização e uma substantivação; uma relação de comunicação, alteridade e transmissão entre agentes e sujeitos; uma projecção e uma apropriação. Sumariamente poder-se-á admitir que uma abordagem historiográfica que vá ao encontro desta complexidade, compreendendo-a e explicando-a de forma crítica e integrada, se traduz numa epistemologia que correlaciona os contextos com as estruturas e condições materiais e objectivas de produção; com o agenciamento e a mobilização dos agentes; com o envolvimento, projecção e apropriação dos sujeitos. A acção educativa reveste-se de conseqüências e de reflexividade por referência a um quadro espacial, histórico, social, cultural e reveste-se de significado e de relevo por referência a protocolos, projecção e expectativas dos seus intervenientes, designadamente sujeitos e agentes. Uma epistemologia com esta complexidade simboliza-se e escreve-se pelos conceitos de materialidade, representação e apropriação, conceitos que fomentam e constituem uma heurística e uma hermenêutica que permitem teorizar, interpretar e traduzir (informar, conceptualizar, interpretar e narrar) a substantivação, o funcionamento e a relação histórica entre os diversos elementos materiais, humanos e culturais envolvidos. Abordarei estas questões no quadro paradigmático complexo e multidimensional das instituições educativas, focalizado enquanto objecto que se constitui como uma totalidade em organização e em evolução. Adoptarei um registo teórico-prático, procurando referências arquivísticas, hermenêuticas e discursivas neste quadro investigativo específico da história das instituições escolares e das práticas educativas.

Palavras-chave: história das instituições escolares, hermenêutica, arquivística.

Abstract: Taken in their specificity, the educational phenomena refer to an action which inserts itself into a context and evolves in a given direction, comprising a materiality, a materialization as well as a substantivation; a relationship of communication, otherness and transmission between agents and subjects; a projection and an appropriation. Summarizing, we could admit that a historiographic treatment which envisages this complexity, understanding it and explaining it in a critical and integrated way, translates itself into an epistemology which correlates the contexts with the material and objective structures and conditions of production; with the agencing and mobilization of the agents; with the involvement, projection and appropriation of the subjects. The educational action involves consequences and reflexivity through the reference to spatial, historical, social and cultural frames of their intervenients, namely subjects and agents. An epistemology with this complexity is symbolized and written based on the concepts of materiality, representation

and appropriation, concepts which favor and constitute a heuristics and hermeneutics that make it possible to conceptualize, interpret and translate (to inform, interpret and narrate) the substantiation, the functioning and the historical relationship between the different material, human and cultural elements involved. I will discuss these issues in the complex and multidimensional paradigmatic framework of the educational institutions, focused on as the object which constitutes a totality in organization and evolution. I will adopt a theoretical-practical register, searching for archival, hermeneutical and discursive references in this specific investigative framework of the history of the school institutions and educational practices.

Key words: history of educational institutions, hermeneutics, archives.

Um quadro epistémico interdisciplinar

A história de uma instituição educativa não constitui uma abordagem descritiva ou justificativa da aplicação de uma determinada política educativa, como também se não confina à relação das instituições com o seu meio envolvente. Compreender e explicar a realidade histórica de uma instituição educativa é integrá-la de forma interactiva no quadro mais amplo do sistema educativo e nos contextos e circunstâncias históricas, implicando-a na evolução de uma comunidade e de uma região, seu território, seus públicos e zonas de influência. A sistematização e a (re)escrita do itinerário histórico de uma instituição educativa na multidimensionalidade e na construção de um sentido encontram nesta relação a sua principal base de informação e de orientação.

A relação entre as instituições educativas e a comunidade envolvente estrutura-se numa abordagem que integre e cruze os planos *macro*, *meso* ou *micro-histórico*, através de uma dialéctica de convergência/divergência/convergência e de uma reconceptualização dos planos espaço-temporais: o nacional/universal, o regional, o local. É neste redimensionamento que relevam as abordagens de tipo *meso*, pela sua representatividade no que se refere às múltiplas dimensões da relação educativa e à instituição como totalidade, em permanente desenvolvimento.

Enquanto objecto historiográfico, construído a partir desta reconceptualização e de um apurado cruzamento de informações, a relação entre cada instituição educativa e a sua comunidade envolvente não esgota a problemática da descoberta de um sentido na orientação e na evolução histórica das instituições educativas que envolve simultaneamente uma hermenêutica de aprofundamento e de descoberta da internalidade institucional, através da dialéctica entre materialidade, representação, apropriação, mas constitui, não obstante, um eixo fecundo e determinante no plano epistémico. Neste sentido, o percurso investigativo que aqui se apresenta toma a relação histórica das instituições educativas com o meio envolvente como principal eixo de problematização e como via de estruturação do conhecimento e de organização da narrativa.

A construção deste objecto do conhecimento – a instituição educativa como totalidade em organização e desenvolvimento, na sua internalidade e na sua relação ao exterior, opera-se através de um marco teórico interdisciplinar e de uma hermenêutica cruzada entre memórias, arquivos e museus, no âmbito de uma projecção e de uma regressão investigativas – um percurso metodológico indutivo/dedutivo. Se mediatizado pela função/problema como suporte investigativo, este percurso metodológico corresponde a uma articulação/progressão de quadros-problema, no

sentido do aprofundamento hermenêutico, com base num alargamento/diversificação do processo heurístico e num rigoroso cruzamento de informação. Este cruzamento é obtido e comprovado por um complexo instrumental de operações metodológicas quanti-qualitativas referenciadas a unidades de observação e a categorias conceptual, objectual e historiograficamente significativas. Entre estes objectos de observação, assumem particular relevo, na história das instituições educativas, os fluxos e os perfis dos alunos.

Como ciência social e humana, a história da educação constrói por esta via um objecto do conhecimento, amplo, complexo, interdisciplinar, aprofundando um quadro investigativo de reflexão e de acção, focalizado na projecção e na reversibilidade entre teorias e práticas, no que se refere aos diversos planos de uma instituição como entidade educativa: materialidade, representação, apropriação.

A construção historiográfica da instituição educativa compreende, por consequência: a reificação/construção do objecto epistémico; a construção do conhecimento/representação desse mesmo objecto na sua internalidade e como referente de investigação e de acção; a elaboração/apresentação da ideia fundamental que subjaz às práticas do quotidiano e às principais tomadas de decisão quanto a futuro, conferindo memória, sentido e projecto ao itinerário

histórico de uma instituição educativa. São estes os três eixos fundamentais do processo investigativo que culmina numa síntese: a narrativa historiográfica. A narrativa historiográfica articula a combinatória dos planos da materialidade, da representação e da apropriação, entre si e com os quadros demográfico, curricular, pedagógico e de agenciamento, estruturados sob a forma de modelo educativo, iluminadas e aferidas pelas memórias e pelas biografias individuais e comunitárias. É nos conceitos de comunidade e de território educativos que as memórias, as biografias e as culturas de base encontram a sua tradição simbólica e orgânica mais adequadas.

Neste contexto, a interpretação das informações discursivas relativas aos processos de aprendizagem e das práticas, constituindo o principal desafio à aplicação conceptual e à compreensão da instituição educativa, enquanto realidade-objecto, desenvolve-se basicamente através do cruzamento do eixo que medeia entre a teorização, a interpretação, a planificação e quadros de acção docente e de outros agentes, com o eixo que medeia entre a normalização e as experiências e apropriações dos sujeitos. É o esforço de aproximação significativa e consequente entre uma normalização/gramaticalização da acção pedagógica, em sede institucional, com a acção esclarecida e autodeterminada dos agentes e com os graus de liberdade e de confluência/reprodução dos sujeitos, que converte a história das instituições educativas num objecto científico, representativo e válido, e a sua historiografia num desafio metodológico e de reconceptualização.

A narrativa historiográfica, correspondendo à estruturação e à apresentação da ideia/síntese, é, no que se refere a este objecto, em particular, uma sistematização dos elementos: quadro/contexto, acção e personagens,

articulados por um enredo, cuja substância é afinal a identidade da instituição e cujo desenvolvimento constitui o seu próprio fio condutor.

Com efeito, ainda que a hermenêutica fundamental se centre na mediação entre a(s) memória(s) e o(s) arquivo(s), os desafios de interpretação não se resolvem através da acumulação ou da justaposição de informação, mas antes pela interpegação do devir espaço-temporal e sociocultural, como principal produto da relação entre contextos, agentes, meios, atitudes, culturas, valores, interesses, motivações, racionalidades, expectativas, destinos de vida que caracterizam e substantivam o processo educacional. O conhecimento historiográfico da relação educativa é, neste sentido, um percurso cognoscente de dupla entrada – progressivo e regressivo, oscilando dos processos para os produtos e dos produtos para os processos, integrados nos contextos.

Deste modo, a revisão do conceito de “história institucional” envolve um alargamento e uma complexificação da monografia historiográfica, designadamente através da centralização do processo historiográfico na relação das instituições educativas com o meio sociocultural envolvente, associando de forma integrativa e dialéctica a descrição/caracterização dos públicos ao questionamento e à (re)construção das representações simbólicas das práticas e dos ideários educativos que marcam e constituem a identidade histórica de cada instituição.

Do marco teórico

Como ficou demonstrado num outro momento deste texto, a construção de um objecto do conhecimento científico envolve, de forma articulada, um marco teórico, uma hermenêutica, uma heurística e uma narrativa. O marco teórico de base para

a construção deste objecto do conhecimento decorre da análise institucional que permite combinar uma descrição e uma representação complexas e dinâmicas da instituição e da realidade educacional, num contexto histórico-geográfico definido, operacionalizando um quadro de reflexão/acção multidimensional e multifactorial. O sentido investigativo é conferido pela evolução dialéctica entre materialidade/representação/apropriação, com objectivo de construção de uma identidade histórica.

Enquanto constructo metodológico, a compreensão desta evolução corresponde à correlação das seguintes constelações epistémicas, a primeira de natureza objectual e substantiva, a segunda de natureza teórico-instrumental: a) materialidade, representação, apropriação; b) instituído, instituinte/institucionalização, instituição.

A materialidade inclui: condições materiais, espaços, tempos, meios didácticos e pedagógicos, programas, estruturas organizacional, de poder e de comunicação – instâncias basicamente objectivas e de funcionamento; a representação engloba os aspectos referentes a memórias e arquivo(s) e os aspectos concernentes à modelização orgânica e projectual da acção, ao grau de mobilização e de aplicação – pedagogias, currículo, estatutos, agentes; a apropriação refere-se às aprendizagens, ao modelo pedagógico, ao ideário, à identidade dos sujeitos e da instituição, aos destinos de vida.

Na segunda constelação, o instituído, basicamente traduzido na praxeologia, é uma sincronia multifacetada da materialidade, da representação e da apropriação num determinado momento da história da instituição. A evolução histórica opera-se, em primeiro lugar, pela noção de institucionalização como resultante do poder instituinte dos diversos participantes, reificada como princi-

pal produto da dialéctica entre os públicos e o modelo didáctico-pedagógico e institucional, mediante a acção dos agentes, regulada pela dinâmica organizacional. Correspondo às necessidades e aos interesses dos públicos a que se destina, constituída em território educativo e projectando-se através das biografias e dos destinos de vida dos sujeitos, a instituição evolui e transforma-se. Esta construção (institucionalização) manifesta-se nas aprendizagens, na subjectivação/autonomização e nos destinos de vida dos sujeitos, sob a forma de apropriação, bem como no relacionamento (territorialização) com o contexto sociocultural e geográfico envolvente.

No quadro de evolução geográfica e sociocultural, contextualizada, interpretada com base numa interação entre a materialidade, os agentes e os públicos, o instituído é o referente fundamental da mudança e da apropriação, pois que é condição e factor de enfrentamento entre os desígnios e expectativas dos sujeitos e o cânon/o tradicional. É neste primeiro nível de interpretação e de racionalidade, resultante de uma relação dialéctica entre as expectativas dos sujeitos, circunstâncias materiais e perspectivas de mobilização e de evolução, e o instituído, que os protocolos de mudança e os níveis de mobilização se definem, aferem, legitimam e ganham sentido¹.

A institucionalização é, em regra, uma abstracção que envolve projecção, mobilização, acção, no quadro de uma dialéctica mais profunda, entre públicos e modelo. A instituição

é um constructo teórico-prático, produto de um processo multidimensional e multifactorial, através de uma dialéctica horizontal entre projecção, mobilização, acção, numa sucessão de quadros probabilísticos e evolutivos e de uma verticalização no sentido e na concretização dessa mesma evolução.

Para uma história integrada da educação

A matriz teórica que fundamenta e estrutura a história das instituições escolares e das práticas educativas, tal como aqui vem sendo referida, não reduz o conhecimento da internalidade da instituição à descrição, representação e avaliação curricular e processual ainda que elaborado através da complementaridade entre as acções e os instrumentos de observação e avaliação e referenciado às aprendizagens dos alunos, através de rigorosos exercícios de especulação e exegese sobre os relatos escritos, nem a uma relação biunívoca entre a normatividade sistémica e a autonomização institucional, antes visa também inscrever as instituições em quadros teóricos e praxeológicos mais amplos, através de uma modelização².

Instrumento metodológico de síntese, articulando designadamente as facetas conceptual e orgânico-funcional, o modelo permite uma validação do constructo investigativo, na sua internalidade e na sua representatividade, e um aprofundamento da investigação com vista à construção da identidade institu-

cional. Pode constituir também um eixo estruturante da narrativa historiográfica.

Procurando sistematizar, pode afirmar-se que a construção da identidade histórica das instituições educativas é um desafio de complexificação e de integração de uma multifactorialidade de variáveis e categorias de análise, através de recursos metodológicos interdisciplinares – abordagem sociológica, pedagógica, económica, organizacional, curricular, antropológica. Como fazer a síntese histórico-epistemológica? Como historiar a “cultura institucional”, enquanto síntese que (re)nasce, em última instância, pela actualização dos *habitus* dos sujeitos educacionais? Na sua realização, o destino de vida dos sujeitos corresponde a uma actualização dos *habitus* – apropriação por transferência e aprendizagem de saberes, valores, capacidades, técnicas, atitudes, desequilibrando e ampliando o seu repertório cognitivo, em novos contextos; (re)actualizando a sua formação, no plano antropológico. As aquisições cognitivas e técnicas, as representações e as apropriações actualizam-se em cada novo desafio.

A educação ao longo da vida é esta subjectivação e integração progressivas cuja objectivação se traduz na capacidade de criar e corresponder aos desafios da realidade, através de uma resposta intelectual, adequada, reflexiva, responsável, comprometida³. A síntese educacional é, por consequência, cultural, antropológica e materializa-se no contexto, tomando como referência a instituição, as instituições, num plano sócio-pedagó-

¹ Neste primeiro enfrentamento, por parte dos agentes e dos sujeitos como também por parte dos investigadores, o referente fundamental são a tradição e o tradicional, constituídos em referente material, mas também em repertório cognitivo e base hermenêutica. Esta actualização da tradição, como base hermenêutica primeira, designadamente sob a forma de pressuposto e de “estrutura prévia” da compreensão, mereceu a Hans-Georg Gadamer uma importante reflexão (cf. Susan J. Hekman, 1990, e Josef Bleicher, 1992).

² A complexidade da cultura escolar na sua composição curricular e enquanto representação fundamental das culturas material, escrita, artística e científico-tecnológica, com função de (in)formação nos planos pedagógico e didáctico, tem sido objecto de aprofundadas investigações, dentro e fora das ciências da educação, com relevo particular para as abordagens etno-historiográficas, centradas na escola e no processo de escolarização (cf. Escolano, 2000).

³ Como se focalizou num outro momento deste texto, ao contrário das regras, o *habitus*, tal como é entendido por Bourdieu, nos planos pessoal e grupal, distingue-se pelo reconhecimento da capacidade de extensão, mediante a liberdade dos sujeitos, dentro dos limites culturais aceites.

gico mais amplo⁴. Contexto, enquadramento, referente são condição de educação. Memorização, intelecção, alteridade, equilíbrio, aprendizagem, subjectivação, evolução, projecção são atitudes educacionais por parte de grupos e dos sujeitos. Estas condições e estes factores são observáveis como produtos educacionais na sua representação e apropriação pelos agentes e pelos sujeitos, tomando como referência o instituído. De idêntico modo, as resistências e a mobilização são marcas fundamentais dos agentes, no seu papel de instituintes. O constructo teórico-prático de natureza institucional, abordado na sua multidimensionalidade e na sua multifactorialidade sincrónicas e na sua dinâmica de equilíbrio, constitui uma aproximação à institucionalização, sendo a instituição constituída pela combinatória destes três momentos.

Do arquivo ao texto - a investigação em história das instituições educativas

Tomados na sua especificidade, os fenómenos educativos referem-se a uma acção que se insere num contexto e evolui num determinado sentido, compreendendo uma materialidade, uma materialização e uma substantivação; uma relação de comunicação, alteridade e transmissão entre agentes e sujeitos; uma projecção e uma apropriação.

Sumariamente, tal como consta do resumo deste texto, poder-se-á admitir que uma abordagem historiográfica que vá ao encontro desta complexidade, compreendendo-a e explicando-a de forma crítica e inte-

grada, se traduz numa epistemologia que correlaciona os contextos com as estruturas e as condições materiais e objectivas de produção, com o agenciamento e a mobilização dos agentes, com o envolvimento, projecção e apropriação dos sujeitos. A acção educativa reveste-se de consequências e de reflexividade por referência a um quadro espacial, histórico, social, cultural e reveste-se de significado e de relevo por referência a protocolos, projecção e expectativas dos seus intervenientes, designadamente, sujeitos e agentes.

Uma epistemologia com esta complexidade simboliza-se e escreve-se com base nos conceitos de materialidade, representação e apropriação, conceitos que fomentam e constituem uma heurística e uma hermenêutica que permitem teorizar, interpretar e traduzir (informar, conceptualizar, interpretar e narrar) a substantivação, o funcionamento e a relação histórica entre os diversos elementos materiais, humanos e culturais envolvidos.

Todas estas questões, centrais na composição do vasto campo da educação e não menos relevantes no plano epistemológico, nomeadamente na construção do domínio científico da história da educação, podem ser abordadas no quadro paradigmático complexo e multidimensional das instituições educativas, focalizado enquanto objecto que se constitui como uma totalidade em organização e em evolução. É uma investigação que integra dimensões teóricas e dimensões práticas, com base em operações arquivísticas, hermenêuticas e discursivas, e cujos objecto epistémico e quadro conceptual se desenvolvem com referência às instituições escola-

res, às práticas educativas, às representações orgânicas, curriculares e simbólicas, às biografias, acções e apropriações dos sujeitos.

É neste contexto multifacetado e diverso na sua temporalidade que o arquivo se torna um lugar privilegiado de informação e construção do sentido evolutivo para a história de uma instituição educativa. Numa primeira aproximação, poderia admitir-se que, não obstante a utilização, oportuna e necessária, das referências e dos materiais arquitectónicos e escultóricos, museológicos, bibliográficos, a definição e a construção do sentido evolutivo de uma instituição educativa consistem numa progressiva dialéctica entre memória(s) e arquivo.

Todavia, ainda que tal processo investigativo corresponda a uma procura de superação de uma abordagem complementar entre o arquivo e a(s) memórias, para encetar um vaivém progressivo entre o arquivo e a memória(s) institucionais, grupais, individuais, o desafio da construção do sentido histórico de uma instituição educativa força o historiador a uma maior complexificação de informações e de abordagens e a uma (re)construção do próprio arquivo.

É um processo que envolve duas operações distintas: uma de recuperação e de revalorização e classificação de materiais dispersos, fragmentados e frequentemente menosprezados, como sucede com os trabalhos dos alunos, com colecções fotográficas, etc. Mas é também uma (re)organização e frequentemente uma (re)classificação do arquivo já existente. Constituído por um ou mais fundos documentais, posto que com frequência se acumulam na mesma

⁴ Definida a educação como um constructo cultural, antropológico, subjectivado, contextualizado e reificado em quadros sócio-pedagógicos progressivamente mais amplos, a história da educação para corresponder a esta complexidade, não pode deixar de ser uma síntese basicamente cultural e antropológica, aproximando-se, aliás, de uma das correntes mais fecundas da historiografia contemporânea. Peter Burke, após analisar as questões mais prementes da história social e reconhecer que no plano epistémico se justificam as orientações específicas do conhecimento – história económica, história política, não apenas entende que esta sectorização pode ser harmonizada, como admite que a síntese é de facto cultural (Burke, 1992 – cf. designadamente p. 35-37).

instituição registos e documentos relativos, ou a uma instituição que antes ocupou as mesmas instalações, ou a instituições afins, a documentação arquivada distribui-se por áreas, secções e séries escritas, diversas quanto à sua natureza e quanto à temática.

A documentação relativa a uma instituição educativa constitui-se em arquivo através da combinatoria entre as dimensões: finalidade, organização, representatividade, organizada e catalogada, por via de regra, mediante um critério orgânico-funcional, a partir dos quadros temático e temporal. Assim constituído, um arquivo, pela polissemia do conceito e pela diversidade temática e informativa, é mais específico e selectivo que um fundo documental e é mais amplo e mais fecundo que um referencial ou um memorial da instituição. O acesso aos documentos implica a criação de um sistema de indexação e cotização das séries e das peças arquivísticas, localização, identificação, descrição, catalogação, informação.

A informação sobre um arquivo traduz-se, em regra, num dos seguintes registos, impressos ou digitalizados: inventário, repertório, catálogo, roteiro. Estes registos surgem frequentemente publicados sob a forma de livro, de CD-ROM ou, quando mais especializada, sob a forma de base de dados. Porque é, no entanto, uma produção que não pode deixar de revestir-se do duplo sentido de preservar uma memória e, simultaneamente, constituir-se como representação e identidade de uma instituição, esta produção deve ser objecto de uma abordagem interdisciplinar, com particular relevo para uma articulação entre os domínios da arquivística e da historiografia.

A conversão de um arquivo em fonte de informação passa ainda pela organização de um *corpus* documental, através de exercícios complementares de heurística e de hermenêuti-

ca como resposta à resolução de problemáticas e à construção de um objecto do conhecimento científico. É sob a forma de variáveis e de registos informativos específicos que os dados existentes num determinado arquivo passam a integrar a narrativa historiográfica.

É tomado de forma integrada, nos planos diacrónico e sincrónico, e não como uma justaposição de séries, que o arquivo de uma instituição se reveste de uma continuidade e de uma representatividade que o tornam imprescindível para a reconstrução histórica do itinerário e da identidade dessa mesma instituição, educativa ou outra. Se tomado na sua complexidade e na sua diacronia, o arquivo constitui um referencial básico para o entendimento e a construção do sentido evolutivo de uma instituição educativa.

O arquivo na sua multidimensionalidade e na sua organização é uma aproximação à intriga historiográfica. Neste sentido, é simultaneamente quadro e imagem: quadro, no que se refere à composição das facetas e das dimensões historiáveis; representação/imagem no que se refere à acção, uma vez que contém testemunhos directos (textos/séries), e na sua própria organização reflecte a dinâmica da instituição, nos planos interno e externo – pela sua própria organização, o arquivo é representação, expectativa, projecção.

Enquanto memória, o arquivo documenta basicamente o vivido, conferindo-lhe um sentido, mas enquanto imagem da realidade, o arquivo é um quadro, pelo que remete para a acção, tornando possível a sua reificação. Esta abordagem crítica e integrada confere ao arquivo o principal relevo no desenvolvimento de uma racionalidade actualizada, que permite, no que se refere à construção do passado, pensar educação com história. Se na sua constituição o arquivo é uma representação/uma memo-

rização, na sua abordagem histórica é uma reconstituição. Muito para além da sua função de depósito, o arquivo permite uma projecção e uma reinvenção da própria tradição. O arquivo permite uma ciência da tradição, afinal. E esta é, em boa parte, a razão de ser da história.

Referências

- BLEICHER, J. 1992. *Hermenêutica contemporânea*. Lisboa, Edições 70, 383 p.
- BURKE, P. (org.). 1992. *A escrita da História: novas perspectivas*. 2ª reimpressão. São Paulo, UNESP, 354 p.
- ESCOLANO, A. 2000. Las culturas escolares del siglo XX: encuentros y desencuentros. *Revista de Educación*, núm. extraordinário, p. 201-218.
- HEKMAN, S.J. 1990. *Hermenêutica e sociologia do conhecimento*. Lisboa, Edições 70, 284 p.
- MAGALHÃES, J. 2004. *Tecendo nexos: história das instituições educativas*. São Paulo, Editora da Universidade de São Francisco, 178 p.

Submetido em: 16/01/2007

Aceito em: 28/02/2007

Justino Magalhães
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa
Alameda da Universidade
1649-013 Lisboa, Portugal